

Intelectualidade orgânica: a função social desempenhada em uma comunidade pesqueira.

FLÁVIA LIZIANE GONZALES BANDEIRA*

A temática deste trabalho surgiu após os questionamentos, incitados na disciplina História e intelectualidade no Rio Grande do Sul, do curso de especialização em História do Rio Grande do Sul da Universidade Federal do Rio Grande, a respeito das características definidoras de um intelectual e do seu papel na sociedade. O aqui escrito resulta de leituras e discussões com colegas do curso e com os próprios intelectuais anônimos presentes no cotidiano. Desta forma é proposto o estabelecimento de um diálogo, entre os teóricos da sociologia e da história política que buscam definir as características da intelectualidade e as manifestações desta em uma comunidade pesqueira. De forma específica é proposta a identificação de um intelectual e de suas ações no seu contexto diário, Louredi Vinagre Borges, da comunidade de pescadores do Bairro São Miguel.

Criou-se um imaginário sobre a incipiente organização política existente no meio dos trabalhadores da pesca artesanal. Seus trabalhos tipicamente manuais, baseados em conhecimentos empíricos e força bruta colocou-os erroneamente em uma posição frente a sociedade e a si, de trabalhadores desarticulados politicamente, afastados dos centros de discussões e por isso carentes de representantes no mundo político/social.

Na falta de representações aceitas como válidas nos espaços político-sociais, muitas vezes agentes externos à comunidade assumem o papel de “porta-vozes” dessas. As observações feitas, no entanto, são frutos de um olhar pautado em valores exógenos aos da vivência diária das comunidades pesqueiras e por vezes até preconceituosos. Terminam por assumir discursos desconectados dos reais interesses dos pescadores, chegando a defesa de ações que vão de encontro aos interesses da comunidade. Em muitos momentos essas pessoas fazem parte do universo acadêmico. Embora este comportamento não configure uma regra e seja crescente o número de grupos dentro das

* Licenciada em História (FURG)/ Especialista em História do Rio Grande do Sul (FURG)/ Aluna Especial do PPG em História (UFPEL)

universidades que se dedicam a ações de interação/suporte com as comunidades tradicionais, ainda é grande o número de profissionais universitários que assumem essa representatividade ilegítima. Esses profissionais são popularmente conhecidos como intelectuais.

A partir da desconstrução desse imaginário, é possível identificar-se a existência de relações de *colaboração* entre academia e comunidade e acima de tudo da existência de indivíduos representantes, oriundos da própria comunidade. A antiga *intervenção* “desinformada” transforma-se em *colaboração*, mediante a possível apropriação desse espaço de representatividade pelos membros locais.

Um desses membros, de reconhecida representatividade intelectual em meio a pesca artesanal, é Louredi Vinagre Borges. Ele não se enquadra no conceito tradicional de intelectual como apresentado Gramsci, o qual afirmou que “O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas – que creem ser literatos, filósofos, artistas – creem ser também os ‘verdadeiros intelectuais’.”(GRAMSCI, 1982:8) Atualmente podemos dizer que este espaço de “verdadeiro intelectual” é muito atribuído aos profissionais do universo acadêmico – e por vezes até requerido por eles –. Entretanto, este tipo tradicional de intelectual, não é o único aceito entre os estudiosos, pois não existem definições unânimes sobre quem são os intelectuais na sociologia e na história política. São grandes as tensões quando o assunto é referido e estas são geradas pela própria natureza simbólica do *poder de las palabras* (MIGUEL, 1978:73).

Louredi acabou assumindo o papel e a função de um intelectual como representante da APESMI pela reflexão e participação de forma contestadora dentro do movimento da pesca artesanal liderado por ele e outros parceiros. Segundo Gramsci, todos os homens são intelectuais, embora nem todos desempenhem essa função na sociedade, pois “não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual...”, o que varia são os níveis “entre o esforço de elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso [...] por isso existem graus diversos de atividade específica intelectual”. (GRAMSCI, 1982:7). Nessa perspectiva Louredi não apenas pode ser visto enquanto um intelectual reflexivo, como também orgânico, conforme demonstra o autor ao afirmar que existem graus de atividade intelectual.

Esses graus de atividade intelectual estão diretamente ligados ao que Gramsci chama de “função social” do intelectual.

Em síntese, a análise de Gramsci detém-se na demonstração do papel – conservador ou transformador – do intelectual como figura que organiza a cultura e os homens; que articula o centro do aparelho estatal de poder com o restante do corpo social; e que ao produzir ideologia fornece consciência e homogeneidade às classes que representa. (BEIRED, 1998: 127)

Essa função social transformadora ou legitimadora, mas capaz de organizar “a cultura e os homens”, definiria o intelectual orgânico de Gramsci, tipo escolhido diante da variedade de definições existentes para o campo dos intelectuais.

Nessa perspectiva, é possível dizer que indivíduos com pouca ou nenhuma instrução formal, também são intelectuais (BEIRED, 1998:125). A ele é necessária a visão geral de sua sociedade, a capacidade e o interesse de nela influir posicionando-se politicamente, o que de fato o nosso entrevistado tem realizado há bastante tempo. No entanto esse posicionamento político não significa, necessariamente, a atividade direta na disputa político-partidária (MIGUEL,1978:75), o que percebemos na participação de Louredi como líder da comunidade sem atuação institucional nos meios políticos.

Louredi enquanto intelectual não se legitima por sua produção escrita ou oratória, mas, em concordância com a definição gramscianiana, por sua função social. Nessa lógica existe uma série de ações sociais que são desenvolvidas por ele sendo as principais a de organização da sociedade, nesse caso a APESMI, por meio da representação e estruturação para debates e interações com percepções diferenciadas; representação da classe social a que pertence principalmente no âmbito político, com reuniões junto às autoridades municipais, estaduais e federais, como da própria Universidade Federal do Rio Grande que possui um projeto junto à associação; utilização das palavras para a divulgação de ideias e o desempenho de papel fundamental para a legitimação ou contestação do poder instituído.

Devido ao fato de Louredi ser oriundo e representante de uma comunidade carente e enquadrado temporalmente em uma história presente, faltam fontes bibliográficas a seu respeito. Por isso, e por crer na gama de opções oferecidas pela História Oral, foi utilizada a metodologia da história Oral Temática. Sendo esta entendida aqui como um recurso cuja finalidade é, utilizando-se de questões geradoras diretas ou indutivas, analisar um tema ou situação específica a partir de entrevista concedida pelo colaborador. (MEIHY, 1996.)

Louredi nasceu na Ilha da Torotama na cidade de Rio Grande, é casado, pai de um filho e um dos sócios fundadores da APESMI. A associação, reconhecida pelo símbolo ao lado, foi constituída em maio de 2001, com o incentivo de programas do governo do Estado do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) através do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico (NUDESE/FURG), da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) e da Pastoral do Pescador; a partir da iniciativa de pescadores moradores do Bairro São Miguel que buscavam, por meio do trabalho coletivo, uma alternativa as grandes dificuldades enfrentadas na linha de trabalho e renda. O empreendimento teve início com o número 7 associados, chegou a contar com 21 e atualmente conta com 13 associados. O número de pescadores associados não corresponde a totalidade de pescadores beneficiados pelos programas e projetos conquistados pela Associação sendo que esta atinge em suas ações números expressivos de pescadores de toda comunidade.

A associação acabou se constituindo enquanto campo social, na perspectiva de Bourdieu, para veiculação e reflexão sobre a realidade da pesca artesanal. Local aonde suas lideranças alcançam espaço para veiculação de suas idéias e reivindicações sobre as possíveis mudanças da realidade dos pescadores e seus familiares.

Para Amando de Miguel a utilização das palavras no debate intelectual é fundamental para a propagação de sua influência no meio, pois elas possuem um poder significativo e típico dos intelectuais. Estes devem conseguir adapta-las de forma clara ao seu público alvo, para assim alcançar seus objetivos e a divulgação de suas ideias. O autor complementa afirmando que foco dos intelectuais é a polêmica. Ela deve ser criada para então causar a reflexão, a posterior legitimação ou contestação das ideologias e assim do poder constituído. Como é visto, a APESMI se constitui enquanto essa organização coesa, que propicia reflexão e contestação das ideologias vigentes e assim, amplia seus instrumentos de transformação.

Na práxis de Louredi é possível identificar seu papel e atuação como intelectual no meio de sua comunidade, percebidos por meio de citações de sua entrevista. Nas suas estruturas sociais é encontrada uma grande variedade de indivíduos. Essa variedade é representada pelo contato com pescadores membros de outras associações da cidade e região, com representantes políticos atuais, membros do universo acadêmico,

autoridades do poder público, familiares, representantes de organizações da sociedade civil e colegas de bairro e Associação. Interage com cada segmento de forma a obter de cada relação o melhor para o andamento da Associação.

Em sua fala e atitudes era facilmente percebida a importância dada ao seu “microclima”, conforme conceituado por Sirinelli. Salienta que suas ações são amparadas pelos companheiros de associação e movimento de pescadores. Faz seguidamente referência a conversas e experiências compartilhadas entre eles. A vontade de agir na comunidade, o gosto pelas questões sociais e a disponibilidade para o enfrentamento político é igualmente compartilhado por sua família, principalmente sua esposa, também atuante em movimentos sociais. É enfática a afirmação de que suas ideias e ações não partem de iniciativas particulares. Referencia a participação desses agentes na sua formação e a importância do apoio que recebe para a continuação do desempenho de sua função social.

Segundo Sirinelli, todos os intelectuais estão inseridos nessas estruturas de sociabilidade formadoras de seus pensamentos. Essas estruturas estariam divididas em duas instâncias, uma definida temporalmente e fisicamente, chamada de “microclima” e a outra, as “redes” a qual se constitui enquanto estrutura atemporal e não fixa. A primeira seria composta pelas relações mais diretas estabelecidas entre o intelectual e as pessoas mais próximas de seu convívio, espaço circunscrito de estabelecimento de pequenas relações. A segunda adquire uma visão mais ampla, seria formada pelas influências mais diversas: como livros, influências culturais, intelectuais de outros locais, pessoas que lhe legaram uma herança de conhecimentos. Redes de pensamentos as quais percorreriam séculos até contribuir de alguma maneira para a formação ideológica do intelectual.

Na constituição de suas “redes” aponta sua base familiar e os conhecimentos específicos tradicionais da atividade pesqueira obtidos com eles. Além da influência dos conhecimentos tradicionais, reconhece a existente a partir de elementos constitutivos do universo acadêmico, político (militante e governativo), poder público e movimentos sociais. Relata a participação constante, tanto sua quanto de outros membros do grupo, em reuniões com grupos de apoio da Universidade Federal do Rio Grande, principalmente por meio do (NUDESE-FURG); encontros com representantes políticos

contemporâneos; encontros entre membros de outras organizações sociais, não se restringindo a pesca, e com setores do governo.

É frequente também a participação, sua e de colegas associados, em eventos de discussão dos rumos dados a pesca artesanal e aos empreendimentos de Economia Popular e Solidária em geral. Estes encontros ocorrem com frequência em outras cidades e estados. Sempre que possível contam com a participação de representantes da Associação incumbidos de repassar aos colegas as informações obtidas.

A formação de Louredi como um intelectual no meio grupo de pescadores é evidenciada quando relata que seu trabalho como associado tem sido facilitado pelos conhecimentos adquiridos através dos grupos de apoio a Associação. Destaca que não teve uma formação institucional, sendo seu conhecimento todo obtido por meio das experiências com os meios em que interage.

Como exemplo é destacado a parte de sua fala na qual relata que seu trabalho como associado tem sido facilitado pelos conhecimentos adquiridos na universidade através dos grupos de apoio. Como principal cita o apoio dado pelo NUDESE, presente desde a fundação da Associação. Conta que no cumprimento de determinada atividade na qual era necessário o estabelecimento de uma listagem com o número de pescadores existentes na cidade para receber determinado benefício. Os membros da Associação teriam sido incumbidos de auxiliar a outra entidade que dividiria a responsabilidade da distribuição e relata:

Pra tu tirar uma base eles tiveram que acompanhar [...] todas as nossas planilhas pra eles conseguir entregar, porque eles não estavam conseguindo [...] quando eles olharam as nossas planilhas eles disseram: “Ah não, mas ta louco, a maneira que vocês trabalham é muito melhor que a nossa”. [...] E eles usaram toda a nossa estrutura, [...]E esse modo de trabalho a gente trouxe da universidade, e claro as planilhas que a gente usava no NUDESE pra fazer as nossas prestações de contas nós usamos também [aqui] [...], claro [...] algumas coisas a gente mudou, mas o sistema é o mesmo né

É explicitada nesta fala a apropriação feita pelos membros da APESMI dos conhecimentos obtidos nas relações estabelecidas com a universidade. É demonstrada também a obviedade da adaptação dos recursos às necessidades apresentadas e da possibilidade de buscar fora da comunidade meios que facilitem o trabalho e sirvam à comunidade.

Louredi complementa fazendo uma crítica aos demais pescadores e grupos que não tem por habitual esse comportamento e diz que “Ai que a gente vê porque que o pescador tá assim, começa a enxergar, né tu começa a enxergar porque que o pescador

tá tão afastado de tudo né, e a maneira de trabalho já é errada né, a divulgação do trabalho é errado.” Atribui a esse comportamento não só maior dificuldade para o desempenho das funções de trabalho como também o isolamento frente à sociedade. Após criticar a forma de trabalho isolada da maioria dos pescadores, o colaborador aponta a forma que a Associação encontrou de solucionar parte destes erros: “... Então a gente fez assim ó [...] toda coisa que tem acontecido dentro da comunidade a Associação tem feito parte.” Ele faz compreender este “fazer parte” em formato abrangente, incluindo as negociações entre os órgãos públicos e a comunidade.

O colaborador continua destacando as relações que a APESMI estabelece com os órgãos públicos, dizendo que muitas vezes outras entidades de representação de classe não recebem a valorização e a abertura para o diálogo que é dado a associação. Diz que a Associação “...Tem feito parte mesmo sabe, e até a gente tem uma relação muito boa com a promotoria pública, eles nos chamam pra discutir. [...]A gente tem uma relação tão, tão forte [...] dentro dos órgãos públicos mesmo, [...]que a gente é convidado pra participar de tudo”. Na continuação das falas explicita que vê essa participação também como uma forma de representação da comunidade e justifica que em todas as situações em que são chamados, estão na condição de representantes dos interesses do grupo e dos demais pescadores que representam.

Em outros momentos esclarece que esta “boa relação” não os condiciona a um comportamento reacionário frente aos órgãos públicos. Ao contrário, destaca que essa relação de diálogo estabelecida, auxilia na obtenção de respostas positivas frente às demandas apresentadas pela APESMI em defesa da comunidade de pescadores. Complementa dizendo que é assumida uma postura crítica e por vezes até agressiva por ele e pelo grupo, sempre que se fazem necessárias para a manutenção ou obtenção de benefícios para a comunidade.

Além das vantagens advindas da representatividade adquirida pela APESMI, Louredi destaca também os benefícios no que tange ao poder de organização construído pela comunidade a partir da consolidação da Associação:

porque eu digo assim: um grupo, a formação do grupo não é só pra comercialização. Eu valorizo muito mais ela pra organização das comunidades. [...] O pescador começa a criar sua própria identidade e começa a fazer esse trabalho e começa a ser reconhecido [...] ai que tu vê o que o pescador é usado, muito usado. [...] quando tu começa a ter relação com as políticas públicas ai tu vê que tem muita gente querendo se aproveitar do pescador. E tu tenta pelo menos passar todo dia, diariamente

isso, cada vez que tu ta conversando [...] é uma realidade né, tem muita gente que se aproveita do pescador para [...] beneficiar a si mesmo

Nessa fala reconhece a importância do diálogo e da divulgação das ideias desempenhado pelas lideranças através da Associação. Em outros momentos da entrevista também explicita a importância da apropriação do pescador dos conhecimentos referentes à organização da sociedade e que esses podem servir para a solução dos problemas enfrentados. Valoriza o trabalho coletivo para a obtenção desse espaço de ação e reconhecimento.

A respeito das relações com os poderes públicos cita ainda que a Associação tem uma relação muito boa com quase todas as instancias governativas e que são reconhecidos enquanto organização e respeitados por suas ações pelo governo federal, pelo governo do estado e por prefeituras de outras cidades. Diz que estas são organizações que “...te procuram não só assim quando eles precisam, e sim pra criar uma política pública pra pesca, pra criar um projeto...”. Cita também que não obtiveram problemas significativos com os setores das instâncias citadas, e os poucos existentes foram facilmente resolvidos através de diálogo. Atribui isso ao fato desses setores reconhecerem a seriedade do trabalho da Associação enquanto organização social e não partidária.

Além do reconhecimento obtido pelos poderes públicos aponta o reconhecimento também da comunidade ao dizer: “eu enxergo pelas pessoas que nos procuram, eu acho que uma liderança forte eu acho que eu sou, e acredito que seja porque assim pras pessoas procurarem tanto e a gente ta participando de tanta coisa.” Entretanto, complementa afirmando não trabalhar sozinho e enfatiza que ele e os colegas associados só alcançam êxito no trabalho porque o fazem em coletivo.

A procura por auxílio não se restringe a associados ou moradores do bairro, mas também pescadores a procura de conselhos para a formação de novas Associações e pescadores de outras localidades até mesmo distantes geograficamente da Associação e justifica: “Porque queira ou não a gente é como identidade aqui dentro. Não é atoa que agente não tem dia não tem hora que as pessoas não vêm na casa da gente, vem de noite, vem meio dia. É, não tem hora, não tem dia, não tem sábado, não tem domingo”. Explicita em outro momento que esta representação por vezes alcança níveis que ultrapassam os limites da Associação e justifica: “eles enxergam tanto na gente que no fim tem coisa que agente não pode fazer e que eles acham que agente pode”. Comenta

que isso se deve muito ao não cumprimento das funções cabíveis a outros órgãos de representatividade de classe.

Apesar de evidenciar o crescimento do trabalho da Associação, fica bastante apreensivo ao abordar os assuntos ligados a intensiva crise pela qual tem passado a pesca artesanal. Atribui grande parte aos efeitos do crescimento urbano industrial desestruturado e sem um planejamento ambiental efetivo.

O que que nós estamos esperando disso? Então a gente, eu vejo assim ó, se o filho quiser sair pra outro... ele tem que sair, eu cheguei a esse ponto, eu até a uns anos, uns tempos atrás eu achava que os filhos deveriam de seguir, mas hoje eu não vejo mais isso. Não vejo porque o peixe ta terminando, [...] No lugar de aumentar tem que tentar tirar alguns da pesca, tentar tirar pelo menos essa juventude ai que ta vindo. Eu digo assim, graças a Deus, eu te digo assim não minto, eu vou viver, vou morrer ai, eu vou morrer ai na pesca, mas o meu filho [...] tomara que ele continue se formando. E que ele se forme, procure o rumo dele ai, vai estudar e que se faça por outro lado

Apesar do tamanho extenso da citação, ela é necessária para que se compreenda parte da inquietação vivida pelo intelectual. A intensa alegria ao relatar sobre as vitórias e até as “confusões” obtidas através da Associação, o abandona e dá espaço a uma grande tristeza ao falar da necessidade de lutarem para que seus filhos não mais dependam da pesca artesanal. Ele complementa e diz acreditar que a maioria das pessoas não poderia imaginar uma situação tão crítica para a pesca artesanal em tão pouco tempo. Ele compara a crise atual com outros momentos e constata o forte agravamento:

[...] Porque o ponto que ta chegando, nós não temos o que pescar hoje. Deu água doce, mas tudo bem, a gente já passou, em 98 deu água doce, nós não tínhamos seguro desemprego, naquela época vivemos, comemos e pagamos as contas da pesca. Hoje nós estamos dependendo do seguro desemprego [...]pra que a maioria consiga pagar suas contas de água, luz e comprar comida [...] se hoje não tem o seguro desemprego e todo mundo ta pescando a maioria não ia ter o que comer

Transpassa um descrédito referente ao futuro da pesca. Levanta uma estimativa de aproximadamente cinco anos para que o setor pesqueiro artesanal esteja completamente arruinado por falta de matéria prima. Nessas exclamações evidencia o caos social causado pelo crescimento urbano industrial desmedido como responsável pela crise ambiental, a qual acarreta uma nova crise social que atinge diretamente as camadas sociais mais baixas, assim como os pescadores artesanais.

Louredi ainda reclama a falta de investimentos para tentar remediar a situação das cidades atingidas pelos impactos desse crescimento acelerado, assim como Rio Grande. Denuncia a falta de diálogo entre os representantes da sociedade e os grandes

empresários e autoridades locais responsáveis pela aprovação de projetos, ao seu ver, tão danosos ao ambiente da cidade. Sugere em um tom de “última alternativa” a efetivação de um fundo proposto por ele e por outras representações comunitárias que garanta investimentos nas áreas mais atingidas da sociedade e que promova aos pescadores e seus filhos cursos profissionalizantes, condições de continuarem seus estudos de forma qualificada e vagas nas empresas que aqui se instalem.

Estende sua visão crítica também sobre suas expectativas de futuro para a APESMI. Teme que na continuação ela se torne uma organização, maior, conseqüentemente mais visada e que suas futuras coordenações exerçam um trabalho diferenciado do que vem sendo desenvolvido por seus colegas e por ele. Teme que o rumo tomado seja diferente do da ação coletiva, representativa e apartidária. Demonstra mesmo em falas como esta, com uma visão pessimista de futuro, uma crença intrínseca de continuação e prosperidade do trabalho e por consequência da profissão de pescador artesanal.

Quando questionado no final da entrevista, do porquê de não abandonar o trabalho frente aos inúmeros problemas existentes que chegam a interferir na sua vida pessoal, responde: “Não saio porque não deixam sair, eu não consigo mais, eu não consigo sabe a coisa dominou...”. Se emociona ao falar das dificuldades enfrentadas por pescadores moradores do bairro, e ao justificar mais para si, do que para a historiadora, constata: “parece que essa comunidade precisa da gente”. Dá uma pausa e completa com a frase a seguir encerrada por risos: “mas é isso Flávia, é um trabalho difícil, lento, mas é bom!”

Considerações Finais:

Apesar da dificuldade persistente de se compreender o *intellectual* também como um sujeito de vida simples e oriundo de comunidades tradicionais, é evidente a existência desses indivíduos. Estas pessoas são procedentes de comunidades tradicionais e por isso preservam os conhecimentos, hábitos e visões de mundo típicos do local, mas não se fecham as visões do mundo a sua volta. Interagem, criticam, buscam e defendem os interesses de suas comunidades a partir da mescla de conhecimentos tradicionais com técnicos, científicos e empíricos.

Esse grupo de pessoas é cada vez mais percebido dentro das comunidades e seu surgimento cresce concomitante ao aumento das crises socioambientais. A situação de

crise enfrentada pela pesca artesanal, e agravada na última década, acelerou o processo de “apropriação” dos pescadores artesanais de seus espaços nos locais de discussão e representação de classe. Atualmente os intelectuais endógenos das próprias comunidades pesqueiras artesanais são os responsáveis por organizar as demandas, em difundir ideologias e intermediar as ações entre Estado e sociedade.

A representação assumida por agentes externos não é mais aceita. Quando suas falas vêm nesse sentido não são legitimadas pela comunidade que os reconhece como seres exógenos. Entretanto isso não caracteriza uma ojeriza completa à figura dos cientistas, acadêmicos, pensadores políticos... As comunidades e suas lideranças alcançaram, em sua maioria, o estabelecimento de uma relação harmoniosa com esses agentes externos. A partir do respeito aos conhecimentos tradicionais do grupo são desenvolvidos grande número de projetos que inter-relacionam os saberes, assim como ocorre entre a APESMI e a Universidade Federal do Rio Grande, através do NUDESE.

As transformações ocorridas na sociedade e especificamente nas comunidades tradicionais exigem adaptações não só dos próprios grupos como da forma de vê-los. É um erro continuar negando a existência de indivíduos intelectuais oriundos de grupos sociais marginalizados dos grandes centros “eruditos”. Esses indivíduos existem e sua presença, como dito, é cada vez mais sentida. É esperado que este trabalho contribua para essa reconstrução da imagem formada dos grupos pesqueiros tradicionais e dos intelectuais existentes neles.

Referências:

Fontes primárias:

BORGES, Loreli Vinagre. 40 anos. Entrevista concedida à Flávia Liziane Gonzales Bandeira, sobre a existência e a ação de intelectuais em comunidades pesqueiras artesanais, Rio Grande, 29/05/2010.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e espaço simbólico*. In: _____. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BEIRED, José Luís Bendicho. *A função social dos intelectuais*. In: Aggio, Alberto (Org.). **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

GRAMSCI, Antonio. *A formação dos intelectuais*. In: _____. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4ª ed. Trad. COUTINHO, Carlos Nelson. Coleção Perspectivas do Homem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 1-23.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de Historia oral**. 2ºed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MIGUEL, Amando de. *El Teatro de las ideas*. In: _____. **El poder de la palabra: lectura sociológica de los intelectuales em Estados Unidos**. Madrid: Editorial Tecnos, 1978.

SIRINELLI, Jean-Fraçois. *Os Intelectuais*. In: RÉMOND, René (Dir.). **Por uma história política**. Trad. ROCHA, Dora. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.